

A ‘tradição’ da renda de bilro e sua continuação para futuras gerações na Ponta do Sambaqui: dificuldades e iniciativas

Jéssica Lícia da Assumpção¹

Vera Cristina Caparica²

Resumo: Este artigo apresenta um panorama da ‘tradição’ da renda de bilro vinda dos Açores para Florianópolis no século XVIII, um legado de valor simbólico que perpassa as gerações, mas que atualmente se depara com dificuldades em sua transmissão para as novas gerações, devido à falta de interesse em aprender ou de exercer a função no novo contexto econômico. Apesar de todas as dificuldades encontradas na transmissão de conhecimento, existem algumas iniciativas tomadas pelas rendeiras de Florianópolis, em especial na Ponta do Sambaqui e região, junto de órgãos públicos e privados, que através de projetos contribuem para preservação da ‘tradição’ cultural açoriana.

Palavras-chave: ‘Tradição’ da renda de bilro; cultura açoriana; Ponta do Sambaqui; Florianópolis.

Abstract: This article makes an overview of the bobbin lacetradition that came to Florianópolis from Azores' in the eighteenth century, a legacy of symbolic value that travels through generations, but that nowadays faces difficulties in its transmission to newer generations by their lack of interest to learn and carry out the function in its renewed economic context. But despite all the difficulties found in the transmission of knowledge, there are some initiatives taken by the Florianópolis *rendeiras*, especially those in and around Ponta do Sambaqui, with the help of public and private agencies, that through projects help to keep up the Azores' cultural tradition.

Keywords: bobbin lacetradition; Azores culture; Ponta do Sambaqui; Florianópolis.

A ‘tradição’ da renda de bilro

A ‘tradição’ da renda de bilro perpassa as gerações durante séculos e vem trazendo consigo, memórias e histórias individuais e coletivas sobre a cultura açoriana.

O processo de povoamento da Ilha de Santa Catarina, antiga Nossa Senhora do Desterro, iniciou-se em meados do Século XVIII pelos vicentistas, com o objetivo de proteger e expandir os territórios da coroa portuguesa. Com os novos habitantes vieram seus pertences e familiares, mas acima disso, estes trouxeram suas tradições, costumes, a prática da pesca e

1 Estudante de Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista de iniciação científica PIBIC-CNPq. Membro dos grupos de pesquisa Pameduc (UFSC) e do grupo de pesquisa Rastros (UFS/SP). Email: jessica_licia@hotmail.com

2 Estudante de graduação em história da Universidade Federal de Santa Catarina. Email veracristinaacf@gmail.com



agricultura. E como todo povoamento de pescadores, a confecção de renda também esteve presente.

Até o século XX, a cultura açoriana estava desvalorizada pelo conflito de poder hegemônico no sul, onde a cultura alemã se destacava na região do planalto catarinense. Este contexto mudou a partir do processo de nacionalização que iniciou em 1938, durante o governo do presidente Getúlio Vargas (1930-1945). A valorização da cultura açoriana é demonstrada no trecho retirado do artigo de Elis Regina Barbosa Ângelo:

Dessa forma em meados do século XX, uma nova preocupação com o discurso culturalístico, cuja intenção era diferenciar a cultura açoriana da cultura alemã, que parecia fortalecer-se na região. Essa preocupação gerou visibilidade capaz de construir as raízes açorianas, como é o caso dos traços do homem açoriano [...]³.

Eric Hobsbawn e Ranger, no livro *A invenção das tradições*, mostram que a tradição é uma construção 'política' que surge a partir de movimentos políticos e sociais, que asseguram a identidade, conforme a citação abaixo:

O principal objetivo da política nacional era, sem dúvida, influenciar ou mudar o governo do Estado e suas diretrizes, sendo que o homem comum tinha cada vez mais direito de participar [...]⁴.

Sendo assim, a construção das raízes açorianas foi importante para implantação da política de nacionalização no Brasil, pois era necessário ressaltar o valor do luso-brasileiro, incorporando valores, e a preocupação na valorização cultural açoriana onde se remontou à memória e à tradição, as festas, à língua, e a valorização do homem e da mulher açoriana. Neste contexto, uma importante questão foi que o artesanato também foi valorizado. O trecho abaixo demonstra a importância da renda de bilro como uma fonte de renda e de valor simbólico:

A renda de bilro é um desses legados de importante valor simbólico. Trazida por imigrantes que aqui chegaram em 1748, vindo dos açores, a arte de tramar representou um a viral fonte de renda. [...] Nas almofadas de bilro,

3ANGELO, Elis Regina Barbosa. O "saber fazer" rendas de bilros: as ressignificações no processo na lagoa da conceição em Florianópolis. *Revista de história*, v1, n.1, p. 24, Fortaleza, jul.-dez, 2013.

4HOBSBAWM, E. J.; RANGER, T. O. (Terence O.). *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 272.



esposas e filhas de pescadores teciam os fios para ocupar o tempo e deles também tirar o sustento do lar⁵.

As bibliografias antigas e novas remontam ao papel importante da mulher rendeira na historiografia local, valorizando sua tradição, memória, costume e da renda de bilro. O forte legado açoriano em Florianópolis apresenta sua forte culinária, pesca, artesanato, danças, lendas e os mitos envolvendo lobisomens e bruxas que nos trazem o imaginário e a crença individual e coletiva da população florianopolitana. Junto com elas vêm às canções das rendeiras que são apresentadas no livro de Maria Armenia:

Faço renda, sou rendeira
Faço renda com amor
Faço renda, sou rendeira
Minha mãe que me ensinou

Faço renda, sou rendeira
Faço renda de montão
Faço renda, sou rendeira,
Pra manter a tradição

Faço renda, sou rendeira
Faço renda prá vender
Muita gente faz e não gosta

E faço porprazer
Faço renda, sou rendeira
Tô fazendo renda aqui
Faço renda, sou rendeira
Da barra da barra do Sambaqui [...]⁶.

A história oral é uma arte e ciência do indivíduo, a qual se demonstra os fatos e versões do passado, através da sua memória valendo-se de instrumentos criados e compartilhados socialmente⁷. A partir disso, foram realizadas entrevistas com três rendeiras: Maria da Glória Viana Soares, Benta Maria do Amaral e Valdete de Jesus Lima no Casarão da Ponta do Sambaqui em Florianópolis, buscando as versões do passado e tentando trazer elementos sobre a tradição da renda de bilro, assim como suas dificuldades e iniciativas.

⁵WENDHAUSEN, Maria Armenia Müller. *Renda de bilro de Florianópolis*. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2011, p. 9.

⁶WENDHAUSEN, Maria Armenia Müller. *Renda de bilro: um legado açoriano transcendendo séculos em Florianópolis*. Blumenau: Nova letra, 2015, p. 212.

⁷PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Conferências. *Projeto História*, p.13-49, São Paulo, (15), abril, 1997.



A rendeira do Casarão da Ponta do Sambaqui⁸, Maria da Gloria Viana Soares, relatou que na juventude as moças se sentavam sobre a sombra da árvore para cantar ratoeira (canção popular açoriana), isso acontecia também nas festas, como citada por ela a festa do Divino Espírito Santo, enquanto uma forma de se comunicar com os moços que elas gostavam, sem que outras pessoas percebessem.

A produção e o aprendizado da renda de bilro

A produção da renda de bilro é passada de geração em geração, obedecendo a critérios definidos durante sua produção, através da sua tradição e cultura. Os instrumentos utilizados para produção da renda de bilro são os próprios bilros, que são bobinas pequenas de madeira manejados em pares com movimentos rotativos, alfinetes a serem fincados no pique, ou seja, moldes dos desenhos a serem trabalhados. O pique é feito de papelão, e algumas rendeiras utilizam a fotocópia de peças a serem produzidas, uma almofada no formato cilíndrico, conforme a imagem abaixo, que fica apoiado sobre uma caixa de madeira (cavalete).

Figura 01: Os instrumentos para produção de renda de bilro - Disponível no Núcleo Açoriano da UFSC



Fonte: Foto tirada por Jéssica Lícia da Assumpção

8 O Sambaqui, palavra de origem indígena que significa cemitério onde se encontra restos de artefatos que demonstram a presença dos primitivos habitantes da região. O Sambaqui é distrito de Santo Antônio de Lisboa, além de ser uma das primeiras comunidades fundadas pelos imigrantes açorianos, assim como Freguesia da Lagoa, Ribeirão da Ilha e Vila Capital no centro de Desterro, hoje conhecido como Florianópolis. O casarão da Ponta do Sambaqui localiza-se no endereço: Rua Gilson da Costa Xavier, 2900, Sambaqui.

A renda tradicional é produzida com linha branca, porém atualmente é possível introduzir linhas de diversas cores. Os pontos básicos da renda de bilro são: o Meio- Ponto, Trancinha e a Perna Cheia, variando o tipo de renda que pode ser a tradicional, jardineira, tramoia, palmas, entre outras.

O aprendizado da renda de bilro antigamente era exigido, porém havia o próprio interesse da criança em aprender, geralmente ensinado pelas mães, avós ou por algum parente próximo. Essas informações foram apontadas pelas entrevistadas na Ponta do Sambaqui. O processo da renda de bilro era marcado pelas atividades domésticas e o trabalho rural, fazendo com que muitas crianças deixassem de estudar. Para Benta Amaral:

Renda eu faço desde a idade dos sete anos, minha mãe ensinou, mas quando era época de fazer farinha, nós fazia farinha, ia lá pro morro com meu pai, arrancar mandioca, trazia no carro de boi, chegava de noite nós raspava, e durante o dia apanhava café, durante a noite raspava até às onze horas da noite, no outro dia, quatro, cinco horas da manhã se levantava. Uma ia pro ceifador, que era ceifar mandioca, meu pai ia pescar... E a vida era assim, fazendo renda, apanhando café, fazendo farinha...⁹.

As mães muitas vezes não tinham muita paciência em ensinar a renda de bilro diante da dificuldade de suas filhas. A demonstração de aptidão e dedicação se desenvolve pela intensificação das atividades ao longo dos anos através dos interesses próprios de cada pessoa.

A dificuldade no repasse da ‘tradição’ da renda de bilro

A história compartilhada pelas rendeiras de referência da ilha, que hoje tem em torno de 60 a 80 anos, é sempre a mesma. Aprenderam a fazer renda em torno de sete anos de idade, confeccionavam a noite após o trabalho na roça de café e mandioca. Quando criança, o ganho da renda era destinado às necessidades da família, e quando jovem, sob a perspectiva matrimonial, preparavam o enxoval com o dinheiro da renda.

A grande maioria das jovens após casarem começavam a trabalhar fora, hoje elas são aposentadas e continuam a fazer renda como complemento na renda familiar e também como terapia. Porém, a dificuldade em transmitir a ‘tradição’ da renda de bilro para suas filhas e

9 Amaral, Benta Mariado entrevistada por Jéssica Lícia da Assumpção e Vera Cristina Caparica, no casarão da Ponta do Sambaqui em Florianópolis, no dia 23 de Março de 2016.



netas vem crescendo conforme o desenvolvimento econômico da cidade de Florianópolis, isso é apresentado pela entrevistada Maria da Glória:

Eu ensinei as filhas e ensinei as netas, elas sabem... Mas não pra fazer como a gente, botar numa exposição, botar à venda. Aprenderam pra elas, e de agora em diante o problema e o medo da gente é esse, cada uma aprende pra fazer pra si, mas pra fazer pra expor, levar numa feira, tá difícil...¹⁰.

A abertura de novos empregos com remuneração imediata se tornou um atrativo maior para as mulheres. As mães também vão incentivar as filhas a estudar e se qualificar para um futuro emprego, pois antigamente havia muitas adversidades envolvendo a falta de transporte, luz elétrica e a falta de estrutura familiar.

A necessidade da obtenção de um status social diferente das gerações anteriores parece marcar a vida cotidiana destas filhas de rendeiras que não querem manter a tradição, uma vez que o próprio sentido da tradição parece ter sido alterado com a configuração econômica, social e cultural da localidade. A tradição anteriormente marcada por uma condição de 'ser mulher' e de ter atribuições diferenciadas dentro de um modelo patriarcal aparece hoje como uma opção de profissão: ser rendeira. A conotação de que a mulher rendeira veio de um meio pobre e sem muitos recursos econômicos também parece favorecer o desinteresse destas novas gerações¹¹.

As mulheres nos dias atuais desenvolvem trabalhos externos, além do cuidado com a família e a casa. Nota-se a preocupação dessas mulheres em criar uma maior autonomia financeira, tendo em vista que uma boa parte delas é provedora de sua família. A procura de novas perspectivas pessoais e profissionais se diferencia das gerações de suas mães e avós que era marcada pela obrigatoriedade. As novas gerações não querem a continuidade da renda de bilro, por várias razões que vão desde a sua vida cotidiana até as próprias ideologias.

O aprendizado da renda, antes era uma questão de sobrevivência que levava a transmissão às filhas, se modificou e o aprender se tornou algo diversificado que abrange mulheres e homens.

O produto, que na maioria das vezes era ornamental, passou a ser, ao mesmo tempo, útil e simbólico. Assim, nota-se que o artesanato foi, ao longo do

10 Soares, Maria da Glória Viana entrevistada por Jéssica Lícia da Assumpção e Vera Cristina Caparica, no Casarão da Ponta do Sambaqui em Florianópolis, no dia 23 de Março de 2016.

11 ANGELO, Elis Regina Barbosa. O "saber fazer" rendas de bilros: as ressignificações no processo na lagoa da conceição em Florianópolis. *Revista de história*, v1, n.1, p. 21, Fortaleza, jul.-dez, 2013.



tempo se adaptando as novas necessidades mercadológicas, uma vez que tais mudanças estiveram relacionadas às próprias transformações da casa e dos modismos¹².

As mulheres que ainda continuam a produzir a renda de bilro como complementos financeiros têm percebido a expansão urbana e do turismo. A pressão e a expansão capitalista no mercado modificam algumas características estéticas dos produtos, passa-se a introduzir modelos novos e estilizados, substituindo a linha fina pela grossa, uma adaptação de uma nova matéria prima, muda-se as técnicas, modelos e a utilização de fios, com cores diferenciando das rendas tradicionais brancas que demonstram delicadeza e perfeição. Hoje já se produzem saias, blusas, xales entre outras peças voltadas ao turismo.

A economia da cidade é dominada pelas atividades de comércio e prestação de serviços, com alguma expressão na indústria de transformação, além das atividades voltadas ao turismo¹³.

Ao mesmo tempo em que atividade turística causa impacto, gerando novas oportunidades de emprego, ela é capaz de beneficiar a reinvenção da tradição, pois o advento do turismo contribui para ressignificar a tradição do bilro, bem como das novas produções (por partes das rendeiras), pois vários projetos vêm sendo criados para valorizar a renda de bilro, com objetivo de atrair as novas gerações.

Iniciativas que visam à comercialização e a preservação cultural da renda de bilro

Durante vários momentos desde a sua colonização no Estado até nos dias atuais, a cultura açoriana passou a ser desvalorizada e depois passou a ser incentivada. Nos anos 70 e 80, o artesanato foi objeto de preocupação de vários setores governamentais, como o Ministério da Educação e o Ministério do Trabalho. O objetivo era criar condições de garantir que a memória cultural criada no passado e reinventada no presente mantivesse a atividade do artesão.

Os desafios enfrentados pelas rendeiras são as dificuldades da transmissão da renda de bilro e o escoamento da produção, visando à conscientização do trabalho com perfeição em

12 ANGELO, Elis Regina Barbosa. *Tecendo Rendas: Gênero, Cotidiano e Geração na Contemporaneidade*. 1. ed. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015, p. 154.

13 WENDHAUSEN, Maria Armenia Müller. *Renda de bilro de Florianópolis*. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2011, p.11.



detrimento da comercialização de artesanato das lojas com menores custos e com a revenda da renda no centro da cidade com preços altos. Desafio este presente em todas as produções artesanais, mediante a chegada de mercadorias produzidas em larga escala. Dessa forma surgiu a Associação das rendeiras da ilha de Santa Catarina, coordenada por Doralécio Soares, que visava em manter viva e conservar a tradição, criando condições de trabalho para a população de Florianópolis e região. Conforme Maria Soares:

Primeiro espaço que nós ganhamos, primeira ajuda que nós tivemos, em 1971 a 1974, foi com Doralécio. Ele tinha a loja dele ali embaixo da ponte Hercílio Luz, e os turistas quando vinham eles iam lá comprar as rendas, e nós levava as rendas pra ele. Ele dava as linhas, a gente depois pagava com o dinheiro da renda né, ele descontava, a preço de fábrica a linha. E depois em 74 acabou... Os turistas já vinham pela outra ponte, aí acabou¹⁴.

Em 1975, a Associação das rendeiras de Santa Catarina passou a ser responsável pelo programa Catarinense de Desenvolvimento do Artesanato. As políticas públicas tomaram iniciativas para a preservação do patrimônio imaterial através do intermédio de ações complementares como o Instituto de Patrimônio Histórico, Centro de cultura Bento Silvério (Casarão da Lagoa); o Programa de Promoção ao Artesanato da Tradição Cultural, a Fundação Franklin de Cascaes, o Centro Nacional do Folclore e cultura popular em parceria com a Prefeitura de Florianópolis.¹⁵ Para Angelo

A partir do crescimento urbano e turístico, em meados década de 1970 as atividades femininas passaram por mudanças, propiciadas sobretudo pela busca de profissionalização.[...] ¹⁶

A renda de bilro ao longo do tempo veio ganhando destaque e homenagens, como a citação das rendeiras no hino oficial de Florianópolis, a homenagem na principal Avenida da Lagoa da Conceição e a principal delas, a lei que estabelece o dia 21 de outubro como o dia municipal das rendeiras.

A mobilização e as iniciativas das rendeiras contribuíram para as organizações informais como a do Sambaqui, que se encontra atualmente no Casarão da Ponta do

14 Soares, Maria da Glória Viana entrevistada por Jéssica Lícia da Assumpção e Vera Cristina Caparica, no Casarão da Ponta do Sambaqui em Florianópolis, no dia 23 de Março de 2016.

15 WENDHAUSEN, Maria Armenia Müller, FIGUEIREDO Wilmara. *Desde o tempo da pomboca*- renda de bilro de Florianópolis. Rio de Janeiro: IPHAN, CNPFCP, 2014. Página 39.

16 ANGELO, Elis Regina Barbosa. *Tecendo Rendas*: Gênero, Cotidiano e Geração na Contemporaneidade. 1. ed. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015. v. 1. Página 159



Sambaqui, antiga alfândega e que em 1987, foi cedida pela União para Sede da Associação de bairro do Sambaqui, que obteve o apoio da PROMOART em 2011, com oferecimento de um curso de gestão e da associação de moradores fortalecendo o artesanato. Nesse mesmo ano foi inaugurado o núcleo das rendeiras no Sambaqui.

Desde sua fundação em 1983, a Associação de Bairro do Sambaqui (ABS), vem desenvolvendo ações comunitárias voltadas à cultura e a luta pela preservação das raízes açorianas, de seus costumes e tradições que englobam as festas religiosas, grupos de danças folclóricas (boi de mamão, pau de fita e ratoeira) e a renda de bilro, onde concede o espaço para que as rendeiras possam comercializar, produzir e ensinar a renda.

Figura 02: A comercialização da renda de bilro no Casarão da Ponta do Sambaqui.



Fonte: Foto Tirada por Jéssica Lícia da Assumpção.

Os produtos comercializados podem variar de valor conforme, o ponto utilizado, o tempo gasto na confecção do produto, que pode durar de dois dias a uma semana.

O casarão da Ponta do Sambaqui cedida em 2011 pela ABS se tornou uma atração do município que traz aos seus visitantes o convívio com as rendeiras, dessa forma o turista valoriza seu trabalho.

Hoje nós temos muito mais, é, assim, ajuda, antigamente não tinha ajuda, era fazer e revender pra uma pessoa que comprava pra vender. Hoje não, hoje a gente no meio desses projetos a gente consegue muita coisa, como eu consegui com o projeto PROMOART do Rio de Janeiro, as cadeiras e os móveis que eu tenho. Agora com a ilha rendada também adquirimos

computador, adquirimos tablete, armário e impressora, tudo isso da ilha rendada. O mercado público, o espaço, na nossa luta, nós conseguimos com a Franklin de Cascaes, que dava aquele espaço lá, iam ceder pra nós depois não abriam porque achavam que não tinha renda e não tinha ninguém pra cuidar, eu falei que eu tinha e me responsabilizava de manhã e tá dando certo, tá dando um lucro bom¹⁷.

O projeto Ilha Rendada com o nome inicial “*Empreendedorismo nas rendas de bilro*”, obteve patrocínio da FEPESE, Petrobrás e Casa dos Açores de Ilha de Santa Catarina, o projeto envolveu 125 rendeiras de várias regiões de Santa Catarina. Promoveu cursos de capacitação, informática e saúde da mulher. Maria da Glória informou que o projeto disponibilizou tablets, computadores e impressora¹⁸.

O projeto ilha rendada além de ensinar, divulgou o trabalho das rendeiras através da exposição fotográfica feito por Yuri Brah, no Museu Histórico de Santa Catarina, com sede no palácio Cruz e Souza entre 10 de março e 10 de abril, demonstrando o trabalho das rendeiras¹⁹.

Maria da Glória Viana Soares, a Glorinha, rendeira do Sambaqui, trabalha para garantir a continuidade da renda na Ilha de Santa Catarina, além de ensinar suas filhas, netas e outras que procuram esses aprendizados, foi convidada pela Casa dos Açores a ensinar a renda de bilro para trinta alunas na Ilha de São Miguel.

Através do projeto, o diretor da cultura de lá, o Paulo Teres, teve aqui nos visitando, e a gente começou a brincar e a conversar com ele, cantar e a fazer as cantorias, e ele perguntou se convidasse, se a gente não iria ensinar eles, e a nossa tradição veio de lá dos Açores e lá tinham deixado acabar, à eu disse que ia, mas achei que era brincadeira, quando acaba de três meses eu já tava lá. Ele chamou e a gente foi com a Maria Armênia, com a Karem Machado e outra senhora também da Lagoa que é Dona Maria que foi ensina tramoia e eu a tradicional. E fiquei um mês e cinco dias lá ensinando, eu e a Maria, e eles aprenderam, já fizeram peça até de exposição ... Foi um trabalho muito bonito²⁰.

Além dos projetos privados financiarem os cursos de capacitação, a Universidade Federal de Santa Catarina possui o Núcleo Açoriano, onde se encontra disponível,

17 Soares, Maria da Glória Viana entrevistada por Jéssica Lícia da Assumpção e Vera Cristina Caparica, no Casarão da Ponta do Sambaqui em Florianópolis, no dia 23 de Março de 2016.

18 Conforme informações passadas pela rendeira Maria da Glória Viana Soares.

19 Informações retiradas do folder da exposição ilha rendada, disponível no palácio Cruz e Souza.

20 Soares, Maria da Glória Viana entrevistada por Jéssica Lícia da Assumpção e Vera Cristina Caparica, no Casarão da Ponta do Sambaqui em Florianópolis, no dia 23 de Março de 2016.



bibliografias sobre a cultura açoriana e sobre artesanato. Em 2014, em Santo Antônio de Lisboa foi realizado a 21ª Açor- Festa Açoriana²¹ de Santa Catarina, onde contou com apresentações das escolas de vários municípios, mostrando as danças 'tradicional açorianas, a culinária, entre outras atrações, que contribuíram para divulgação dessa 'tradição inventada'. Sendo possível que os turistas e até moradores de Florianópolis pudessem apreciar e conhecer a cultura açoriana, conhecendo um pouco mais do trabalho das rendeiras, que passa gerações através da determinação dessas rendeiras com apoios privados e públicos para manter essa tradição, sem que ela seja esquecida.

Os incentivos de projetos públicos e privados auxiliam na visibilidade da 'tradição' da renda de bilro, no trabalho e cotidiano das rendeiras, contribuindo para comercialização e valorização da cultura local pelos turistas. A intenção dos projetos envolve a preservação do patrimônio imaterial (que abrange a tradição, os saberes, a técnica, o modo de fazer e os costumes), e ao mesmo tempo tenta trazer o interesse das futuras gerações, que muitas vezes por motivos econômicos deixam de aprender ou produzir a renda de bilro, dificultando a transmissão, correndo o risco de que essa 'tradição' seja esquecida.

Referências

ANGELO, Elis Regina Barbosa. *Tecendo Rendas: Gênero, Cotidiano e Geração na Contemporaneidade*. 1. ed. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015. v. 1. 245p.

_____. O "saber fazer" rendas de bilros: as ressignificações no processo na lagoa da conceição em Florianópolis. *Revista de história*, v1, n.1, p. 11-27, Fortaleza, jul.-dez, 2013.

BECK, Anamaria. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Pro-Reitoria de Assuntos Estudantis e de Extensão. *Trabalho limpo: a renda de bilro e a reprodução familiar*. Florianópolis: UFSC, Pro-Reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão, 1983. 30p. (Anhatomirim, 4) Colaboração do Núcleo Açoriano da Universidade Federal de Santa Catarina.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. A autoridade do passado. IN: *A farra do boi*. Palavras, sentidos. Ficções. Florianópolis: UFSC, 1997. Pag.113-141.

HOBBSAWM, E. J.; RANGER, T. O. (Terence O.). *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 316p. (Pensamento crítico, v.55).

21 Participação do 21º Açor em agosto de 2014.



OGEDA, Alessandra. Projetos buscam a profissionalização da renda de bilro em Florianópolis. *Jornal notícia do Dia*, Florianópolis, 02 de maio de 2016. Edição online.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Conferências. *Projeto História*, p.13-49, São Paulo, (15), abril, 1997.

WENDHAUSEN, Maria Armenia Müller. *Renda de bilro: um legado açoriano transcendendo séculos em Florianópolis*. Blumenau, Nova letra, 2015. 235p.

_____; FIGUEIREDO, Wilmara. *Desde o tempo da pomboca - renda de bilro de Florianópolis*. Rio de Janeiro: IPHAN, CNPFCP, 2014. 164p.

_____. *Renda de bilro de Florianópolis*. Rio de Janeiro: IPHAN, CNPFCP, 2011. 36p.

Fontes

AMARAL, Benta Maria do. Entrevista concedida a Jéssica Lícia da Assumpção e Vera Cristina Caparica, no Casarão da Ponta do Sambaqui, Florianópolis, em 23/03/2016.

LIMA, Valdete de Jesus. Entrevista concedida a Jéssica Lícia da Assumpção e Vera Cristina Caparica, no Casarão da Ponta do Sambaqui, Florianópolis, em 23/03/2016.

SOARES, Maria da Glória Viana. Entrevista concedida a Jéssica Lícia da Assumpção e Vera Cristina Caparica, no Casarão da Ponta do Sambaqui, Florianópolis, em 23/03/2016.

Recebido em 28 de junho de 2015

Aceito para a publicação em 26 de janeiro de 2017

